

A SEMANA

COTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 18000
Anno..... 38000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO CUIDADOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE—O incidente Morel; *Filinto de Almeida*—O conego Belmonte—Politica e politicos; *Ambrozio Severo*—Um homem gasto; *Norico*—Luiz Dellino; *Valentim Magalhães*—Questão litteraria—*Auroras*—«Diario de Noticias»—«Valentim Magalhães, estudo por Sylvio Romero»—Theatros—Ruy-Vaz, romance; *Aluizio Azevedo*—Victor Hugo, soneto; *Rauquel de S. Paio*—Tratos á bola; *D. Pastel*—Recebemos—Anuncios.

EXPEDIENTE

Ao Sr. Antonio Luiz do Couto agente d' *A Semana* em Nieheroy, roga-se o obsequio de vir a este escriptorio, para liquidação dos seus negocios com esta folha.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1887.

O Incidente Morel

Como redactor d' *A Semana*, cabe-me o dever de fazer algumas considerações ao incidente provocado pelo Sr. Charles Morel, redactor da *Revue Commerciale, Financière et Maritime*, que teve como resultado a retirada de Valentim Magalhães, director d'esta folha, da redacção da *Gazeta de Noticias*. Estas considerações explicam concomitantemente a attitudo d' *A Semana* em toda a questão.

O Sr. Morel, tendo *passado* á *Semana* a unica perna que infelizmente possui, pretendia incumbir-se do trabalho que esta folha primeiro tomara a si: grande manifestação de pesar pela morte de Victor Hugo.

Allegados como de bom aviso por S. S. os seus titulos de unico jornalista francez n'este paiz, *A Semana*, pela voz do seu director, cedeu-lhe os direitos de iniciativa e recolheu-se cavalheirescamente ao silencio. O retrahimento por parte d'esta folha prova cabalmente que ella não pretendia á somira do glorioso nome do Mestre atrahir sobre si a attenção publica ou fazer da homenagem que se ia prestar um elemento de *réclame*, como alguns malignos por ali aventuraram. Na sua qualidade de jornal litterario que dispõe da adhesão e da sympathia de quasi toda a mocidade que na capital do Imperio trata letras, corria-lhe imprescindivel e inalienavel o dever de honrar a memoria do grande genio da litteratura do seculo, e a convocação de uma assembléa de jornalistas não significava mais do que o simples cumprimento d'esse dever.

Desle, porém, que outro jornalista, e

francez, apparecia como um elemento perturbador e divisorio dos factores da grande manifestação projectada, *A Semana* entendeu com muito boa razão e segurança de juizo que qualquer manifestação que depois d'isto se fizesse não attingiria a solemnidade e a grandeza dignas do nome de Victor Hugo—e retirou-se satisfeito de saber que fora o primeiro jornal que lembrára a homenagem, embora ficasse a outro a prejudicada gloria de executala.

Não se enganava *A Semana*; o Sr. Morel conseguio reunir grande numero de pessoas, mas a reunião foi desordenada e tumultuosa, conforme declarou o illustrado Sr. Dr. Aquino Fonseca, em carta dirigida á redacção d' *O Paiz* e publicada no dia 1.

A noticia que *O Paiz* deu d'essa reunião provocou ao Sr. Morel uma carta descozta e atrevida, á qual Quintino Bocayuva respondeu com um brilhante assomo de dignidade e de brio, na la estranháveis em quem tem sabido manter no jornalismo brazileiro o logar de honra pela seriedade, pela honrabilidade e pela rectidão; nessa resposta, porém, accusava-se a imprensa de *despreocupação e lenidade* e dizia-se-lhe peremptoriamente que ella não tinha patriotismo e nem ao menos sabia ter a *solidariedade da honra*.

Estas accusações, que repetidissimos actos da nossa imprensa justificam, chocou especialmente a *Gazeta de Noticias* que no dia seguinte tambem encontrou accusações para *O Paiz*.

Até aqui a primeira Phase da questão. Accusação d' *O Paiz*; retaliação da *Gazeta*.

A segunda Phase começou com o artigo de Quintino Bocayuva em resposta á *Gazeta*, artigo em que se atacava francamente o assumpto e em que se reprochava á *Gazeta* a má acção de ter abandonado o seu collaborador Valentim Magalhães, o qual, como director d' *A Semana*, convocára primeiramente a reunião de jornalistas, e onde se acrescentava que *O Paiz* não comparecera á reunião Morel, por não querer encampar o facto de se mandar ou deixar atirar ás *artigas* o Sr. Dr. Valentim Magalhães pela mão do Sr. Morel.

E' necessario e urgente notar-se antes de tudo que a dignidade pessoal de Valentim Magalhães em nada fora offendida nesta discussão.

No mo do porque o artigo d' *O Paiz* encaráva então o incidente e na conjunctura em que collocára a *Gazeta*, corria a esta o dever imprescindivel de defender-se da accusação no que ella se referia ao abandono do redactor d' *A Semana*, sem o que haveria pelo menos desattenção para com elle e confirmação da proposição d' *O Paiz*, o que obrigaria Valentim Magalhães a retirar-se da redacção da *Gazeta*. O Publico ja então commentava vivamente estas occuren-

cias, de maneira pouco favoravel para Valentim Magalhães.

O lamentavel facto que cobrio de luto e dor a respeitavel familia do redactor chefe d' *O Paiz*, fez com que a *Gazeta* retirasse o artigo em que pretendia defender o seu collaborador. Não apparecendo, pois, no dia seguinte o esperado artigo, e não se lhe tendo dado a menor explicação ou aviso, Valentim Magalhães, como sempre tem feito em todos os actos da sua vida, cumprio o seu dever—despedio-se do logar que occupava na *Gazeta de Noticias*.

Exposta assim a questão, com a mais rigorosa verdade e fidelidade, facil é ao publico decidir quem tem razão em tudo isto.

O que a redacção da *Gazeta* nunca poderá explicar cabal e airoosamente é o facto de haver comparecido, na pessoa do seu redactor principal, á reunião convocada pelo Sr. Morel—um estranho não tendo anteriormente comparecido á convocação por Valentim Magalhães—um compatriota e da casa.

E' inutil qualquer commentario n'outro sentido.

FILINTO D' ALMEIDA

O honra sobre quea se apoia um povo inteiro, precisa de se apoiar sobre uma mulher.

VICTOR HUGO

O CONEGO BELMONTI

Falleceu, na madrugada do dia 30 de Maio proximo passado, o conego Agostino Ferreira da Cruz Belmonte, antigo e proecto educador da mocidade e director do acreditado collegio S. Francisco de Paula. Foi pregaor de fama; aos seus sermões de quaresma a multidão acudia pressurosa, se lenta da sua palavray inspirada, como a uma fonte abundante de agua limpida e pura.

Do muito que lhe deve a instrucção publica do paiz podem dar honroso testemunho muitos homens illustres que foram discipulos do «padre-mestre Belmonte» e que hoje occupam brilhantes posições nas letras, na politica, na magistratura, na sciencia e no magisterio. Era uma consciencia recta e um coração bondosissimo—esse venerando sacerdote, por cuja perla hoje vestem luto, com os seus innumeros amigos e discipulos, a Igreja e a Instrucção.

A Semana associa-se com sincero dó ao geral sentimento por esta morte, verdadeiramente lamentavel.

Ontem, sétimo dia do seu passamento foram rezadas numerosas missas com enorme concurrencia de discipulos, ex-discipulos e amigos do fallecido. O sentimento era geral.

No proximo numero d'esta folha encontrarão os leitores um ligeiro artigo de Valentim Magalhães sobre o conego Belmonte—de saudosa e veneranda memoria.

Foram sepultados no dia 3 do corrente, no cemiterio de S. João Baptista, os restos mortaes da Exma. Sra. D. Luiza Amelia de Almeida Costa Bocayuva, esposa do nosso illustre collega Quintino Bocayuva, redactor principal do *Paiz*. No seu enterro fez-se representar toda a imprensa da corte e compareceram numerosissimos amigos, collegas e admiradores do illustre jornalista.

Nessa communhão espontanea e sincera da dor immensa que lhe golpeou o coração de esposo e pae, deve elle ter encontrado o unico possível consolo para tão rude e doloroso transe.

Ao nosso estimado mestre e à sua Exma. familia apresenta a relação d'*A Semana* os seus sinceros pezames.

FERREIRA DE MENEZES

Completam-se hoje quatro annos que falleceu Ferreira de Menezes, o grande e terrível inimigo da escravidão, o sempre lembrado fanfator da *Gazeta da Tarde*, o delicado e terno folhetinista, o originalissimo prosa tor-poeta, o companheiro fiel e o amigo fiel. Precioso talento; preciosissimo coração!

A Semana rende à sua memoria honrada a homenagem do respeito e da saudade.

POLITICA E POLITICOS

Na sessão do dia 1º o Sr. Bezerra de Menezes obteve a palavra para pedir informações ao governo sobre a prisão do commendador Carlos de Lacerda, deixan-lo transparecer o receio de que esta prisão fosse uma consequencia da reacção do governo contra a propaganda abolicionista.

Seguiu-se-lhe o Sr. José Mariano, que protestou energicamente contra este facto, defendendo os abolicionistas e demonstrando claramente que a violencia estava do lado d'aquelles que se oppunham à emancipação do elemento servil, e não dos que pregavam a egualdade humana, o direito commum de todos serem livres.

O orador apresentou algumas photographias de escravos seviciados, ligados ao tronco e submettidos a todas as torturas pela crueldade dos senhores sem coração, sem consciencia para verem que no escravo ha um homem, no homem o direito, no direito a liberdade, na liberdade a condição fundamental do progresso.

As palavras do Sr. José Mariano, cheias de convicção e de verdade, foram respondidas pela imbecilidade negra com a galhofa, com a pilheria e a risada bofes dos ineptos e dos criminosos cynicos.

O conluio negro mandou que S. Ex. expuzesse aquelle quadro em uma das vitrines da rua do Ouvidor.

Eles é que deveriam ser expostos para que o povo os conhecesse de perto e os garotos se deliciassem.

Ignobil situação! vergonhosa attitude popular, que ainda não soube impor a estes trocistas, a estes delinquentes o castigo que para elles reclamam os ho-

mens de bem, que, com difficuldade, quando se esphacelam os caracteres e se decompõe a consciencia nacional, conseguiram salvar a sua honra e a sua dignidade civicas.

No dia 20 o Sr. Andrade Figueira pediu a palavra para dizer á camara que a sua opinião é que a escravidão extinguir-se-ha com a *liberalidade brasileira*.

O Sr. Andrade Figueira não reflectio no que disse.

A liberalidade implica uma serie de estados intellectuaes, uma serie de circumstancias moraes a que estamos muito longe de chegar, nos que ainda não possuímos o conhecimento dos nossos direitos e dos nossos deveres.

Se tomássemos a sério o que disse S. Ex., quando chegávamos ao advento da emancipação do escravo?

S. Ex., permitta-nos a franqueza, disse um disparate.

Se S. Ex. um dia se houvesse dado ao trabalho de compulsar bons auctores, nos lhe indicaríamos a inxequibilidade de se realizar semelhante aspiração por um meio tão lento quanto absurdo.

Existe uma sciencia, Sr. Andrade Figueira, que protesta contra esse meio de reforma, tomando em consideração as nossas condições mesologicas, a capacidade mental do nosso povo.

Se estivessemos em condições de resolver um problema de tamanha importancia, se a nossa educação estivesse á altura de ferir a questão exponetaneamente pelo seu lado humanitario, se podessemos comprehender o conjunto das circumstancias que impossibilitam o desenvolvimento geral das nossas idéas, antes de abolir a escravidão, impediríamos a entrada de um homem como S. Ex. no parlamento.

Quando o povo supporta, é que ainda não sabe resolver.

Desse que elle adquira, por uma assimilação lenta, porém segura, o conhecimento das cousas e dos homens, tudo elle consegue, todas as reformas são realizadas.

A emancipação do elemento servil, se as causas que têm determinado uma tão perigosa situação continuarem a produzir os mesmos offeitos, não será realisa-la como S. Ex. espera.

Não. Do mesmo modo que uma gota n'uma columna d'agua pôde produzir um trasvasamento por uma deslocação molecular do corpo; também este conjunto de causas, em virtude de um elemento insignificante introduzido na orbita onde as idéas e os sentimentos cruzam-se, entrechocam-se, eliminam-se, irrompem de chofre, recurvam-se, engrossam, pôde determinar uma erupção, que na ordem social se chama reacção.

Digam o que disserem, a questão do elemento servil está presa a outras que de dia em dia actuam energicamente para precipitar-nos em uma situação peor, cujo meio unico para superarmol-a será uma violencia correspondente ao esforço produzido para depirmir-nos.

Francoamente, lancemos a phrase sem receios, como quem está certo de que ella resume um axioma mathematico: —a unica salvação possível d'este povo está em coarctar as prerogativas monarchicas, em attenuar a acção oppressiva da vontade do alto, em substituir o falso dogma do privilegio e da desigualdade civil pela egualdade dos homens, pela reivindicacão dos direitos usurpados, pelo imperio das idéas, pelo criterio da justiça e da liberdade.

O meio é este: — violentar a monarchia para salvar o povo. Para vencermos precisamos de audacia, mais audacia, sempre audacia; como exclamava Danton. Sem isto nada conseguiremos.

Não nos illudamos; cumpre-nos dizer ao povo a verdade:—não ha meio termo—ou elle ou Sua Magestade.

Repellir é um direito.

Em uma situação como esta todo esforço é uma garantia.

Se este estado de cousas continuar só haverá um alvitre: é a palavra de Montant na Convenção franceza.

Sejamos francos, sejamos energicos, sejamos brutos mesmo, quan lo tivermos de dizer a verdade.

E' preciso que o povo saiba de tudo, é preciso que elle aprenda a resolver as questoes por suas proprias mãos.

So a imprensa pôde equilibrar o desespero popular com a insidiososa e intolerante attitude do poder. Ella foi e será sempre o contrapeso entre o despotismo em acção e a liberalidade em perigo.

E' necessario, pois, que ella cumpra o seu dever, e que tenha sempre em memoria a maxima de Machiavel: que nos casos de consciencia politica, o maior bem apaga o menor mal. Ou então, para sermos mais claros, façamos nossa a maxima dos reis:—que mais vale o sacrificar-se muitos innocentes do que perder-se um so culpado.

AMBROZIO SEVERO

A natureza tem o macaco, e a igreja — o diabo. Viva o macaco! E' mais alegre!

VICTOR HUGO

« UM HOMEM GASTO »

Urubú infeliz, não ha pão que o agualhe.

L. L. suppunha, por ser *dinheiroso* e ter recursos para fazer do proprio punho *reclames* nas columnas do *Jornal do Commercio*, que não lhe cahiria o anno bissexto em cima.

Os paulistas não gostaram da droga. Os periodicos da terra dos Andradas também repelliram a pilheira litteraria.

E ahí vem o *litterato gasto*, como novo D. Quixote, brandindo a lança contra céus, mares e terra, desafiando a todos, chamando o mundo inteiro à discussão.

No meio de tudo isto não sabemos o que mais admirar: se a impavidez do romancista sem talento, se a disposição em que se acha o rico-homem-letras, de fazer passar toda a sua fortuna para a caixa do *Jornal*.

Verdade é que no seu primeiro artigo L. L. mostrou-s muito escandalizado, porque pretendemos considerar a riqueza (o luxo deveríamos ter dito) um elemento de dissolução; o que nos valeu logo uma reprimenda energica, acompanhada da seguinte reflexão—que a sociedade dos ricos existentes no Rio de Janeiro, é uma sociedade muito severa, rigorosa e incapaz a todo ponto de concorrer para a corrupção dos mancebos inexperientes.

Não afirmamos o contrario; mas desde que lêmos essa phrase deveríamos ter ficado certos de que L. L. não passava de um pacatissimo cultor das letras de cambio, e portanto um homem de sangue frio, perfeitamente preparado para transformar-se em legião.

Na semana passada era *Bodmer, D. Fuas, Nos quoque e Roupinho*, quem se esgrimia ao vento; hoje é o tremendasso *Estudioso* (L. L.) que de novo surge, mais correcto e animado.

Cinco pseudonymos distinctos e um só romancista verdadeiramente tolo e desenxabido.

Deixemos L. L., entretanto, com a sua erudicção de *galhofa oitocentista*, atollado até aos olhos no *espólio dos Camellos losquiados*, das *Bestas esfoladas*, dos *Burros*

de outras quejandas produções próprias do tempo, e cujo espirito elle mesmo não conhece, nem poderá nunca conhecer, graças à nunca assás lembrada consolidação da sua callote craniana. Entremos em materia, e vejamos se nos cinco itens de sua *contrariedade* desculpem os leitores a locução juridica, publica-la nos jornaes de 3 e 4 do corrente, ha um so que possa destruir o que articulamos em nosso libello.

Nala. Em primeiro lugar, L. L. poz de parte as accusações essenciaes para responder a cousas secundarias. Não seja isto, porém, motivo de desagrado.

Ao primeiro item, que se refere á questáo de ser ou não ser L. L. romancista moderno, naturalista, veio L. L. com esta nova coarctada: — que o seu naturalismo não é o de Zola, como o *Noviço* desejaria que fosse, ou determinista «com todo o seu cortejo de influencias *caceteadoras* etc.», mas sim o de Balzac, Goncourt, Daudet o Dickens.

Coita-lo de L. L. Pobre L. L. Leu e não entendeu. Quem lhe disse que *Noviço* é zolista e accetta no romance o methollo experimental de Claude Bernar?

Pois se não sabe, fique sabendo. O que *Noviço* quer que appareça n'essa qualia le de productos d'arte é unicamente a observação, mas a observação com espirito philosophico; nunca a dissertação, nem o delirio sem razão de ser. O romancista no seculo XIX não pode ser simplesmente um poeta; se pretender vingar, ha de forçosamente apparelliar-se com todos os instrumentos de seu tempo, ou ha de ser genio; o que vem a dar idênticos resultados. Se não satisfizer essa exigencia, não passará de um alimhador de phrases, que, nala teudo enchergado, nala tem também que dizer, cingindo-se, por tanto, logo que toma a penna para escrever, a accumular logares communs.

Segundo pensa *Noviço*, o unico methollo de observação seguro, julicioso, é o *binario*. Deixamos a palavra sem explicação, de proposito, para dar a L. L. o que resmoer. O methollo binario tem a immensa vantagem de evitar os excessos de escola; é o que mais convem aos espiritos calmos e reflectidos.

Já vé L. L. que ainda uma vez errou a pontaria; o que não levamos a mal.

O que, porém, não toleraremos é que L. L. se julgue original, se bem que patreillo com Balzac, Goncourt, Daudet e Dickens.

Que orgulho! o que *parvoçada!*

Olhem os leitores se temos ou não rasão em tanger esse touro bravo para a gangorra.

Calla um d'aquelles autores que elle citou representa um temperamento diverso, e de in lode differente. São artistas de raça, que, cedendo a influencias oppostas, têm e tiveram processos dissemelhantes, notas ou télas particulares.

Comparar Daudet, o avelludado, o expansivo Daudet, ao melancolico e profundamente humoristico Dickens, importa o mesmo que chamar de arroz doce ao Pão de Assucar.

Não obstante, L. L. reunio-os em rosario, e, pendurando-os ao pescoço, julgou tudo ter feito.

No proximo artigo diremos com quem o poeta gasto se parece.

Noviço

Não ha religião que não blaspheme um pouco.

VICTOR HUGO

LUIZ DELFINO

AO «DIARIO LIBERAL»

Depois da criticasinha do *Coropido*, a que já respondi, alirou-se o Taine do *Diario Liberal* á *Solemnia Verba* com o mesmo ardor de destruição e o mesmo alfinete escarrafunchante.

Disse della mais do que — cobras e largatos; disse — serpentes e croco lillos!

Começou por chamala, não *Solemnia* mas *Inania Verba*.

E depois de se declarar convencido «da absoluta falta de sinceridade com que exalto a *Solemnia Verba*», desfecha com a sua espingardinha terrivel este tremendo tiro... de polvora secca:

«Em todo o trabalho artistico, ha uma concepção fundamental a que todas as partes, todos os detalhes, se subordinam, para tornal-a saliente; para este effeito devem concorrer todos os esforços do artista. A *Solemnia Verba* falta essa concepção fundamental, falta esse ponto de convergencia, para on le deviam tender os raios da imaginação do poeta. Inutilmente se procura esse ponto. Vemos essa imaginação doudelar sem rumo, apenas subjugada á necessidade momentanea e trivial da rima, que, bem ou mal vencida em uma estancia, se renova na seguinte, e o guia como um cão que dirige um cego; sem que este saiba para on le vai. Producto do acaso, que lhe deu a primeira rima, a *Solemnia Verba* accusa em todas as estancias os vicios da origem: a desorlem, a confusão, o disparate e o absurdo.»

A *Solemnia Verba* não falta concepção fundamental. Ella é, ao contrario, grandiosa e vasta. Escripto por occasião de subir D. Afonso XII ao throno da Hespanha, é este verda leiro poema um grande grito de dó e de indignação ante o aviltamento moral e politico da bella Hespanha do Cid e de Pelayo; lamenta e profliga em sonoros versos vingadores o abastardamento do character hespanhol, o seu servilismo monarchico, a sua cegueira religiosa, a sua cobardia e a sua inacção sob o dominio dos oppressores; fustiga, amaldiçoá a perla do sentimento da Liberdade, e procura reanimar nesses corações, gelados pelo despotismo e pela ambição, o pouco sangue honrado e generoso que nelles ainda reste. Eil-a, esboçada em duas palavras, a idéa fundamental desse poema. Não me alongo sobre este ponto, aliás importantissimo, porque o meu amigo Luiz Murat no proximo artigo da serie que tem publicado nesta folha, sobre o Dr. Luiz Delfino, occupar-se-ha com o estudo da *Solemnia Verba* e demonstrará brilhantemente que esse trabalho, quer como concepção, quer como execução, honraria a litteratura hespanhola, se

Havendo deixado de escrever na *Gazeta de Noticias* as *Notas á margem*, será desta folha que responderei ao *Diario Liberal*, de S. Paulo sobre a critica que emprehendeu dos trabalhos de Luiz Delfino.

V. M.

lhe pertencesse, e é de quantos poemas se tem publicado no Brazil o de maior alcance social e politico, o de concepção mais alta, mais generosa, em uma palavra: — mais *humana*.

Para provar que a *Solemnia Verba* é um producto de acaso, mixtiforio poetico, sem pés nem cabeça, desfia o formilando critico um longo rosario de repuros e censuras. Vou acompanhá-lo nesse inglorio e penoso trabalho; mas, desta vez, não confio unicamente ás proprias forças, mas fortemente secundado pelo excellentissimo illustrado escriptor, que obzequiosamente me enviou a maior parte das notas com que vou responder ás criticas do *Diario Liberal*. Darei primeiramente a censura e logo abaixo a resposta. Começemos:

a Recolta a entranha, gottejando sangue, Polluti a carne, rota e palpiti no, O laos sem lume, o corpo inerte e crangue, Lavera tu, qual tronco de gigante, Que o raio lasca e que do vent a sanha D'alto a baixo derroca la montanha... Nas vascas da agonia a Hespanha esteva!

Embal le a liberdade austera e honesta Masculata forte novo arbor llo lava... Quer, erguel-a... bratará-a-lhe: não presta.

Mas... vem um rei; abate-a; e (consa estranha)

Bastou: stá viva: resurgiu a Hespanha!

Eis as duas primeiras estancias com que rompe a *Solemnia Verba*. Luiz Delfino começa por personificar a Hespanha; mas é infeliz na pers uificação, porque a compara a uma pessoa *embriagada*, ou palecendo le um accesso de eolia: tanto importa as expressões — *recolta a entranha*. O poeta quer ser sublime, e apenas consegue ser ridiculo, equiparando as consequências de uma revolução aos effeitos de um revulsivo. A imagem é degratante, e produz uma sensação de repugnancia, sensação racionalmente diversa da que o autor nos versos pretende eviientemente despertar no espirito do leitor.

Alem d'isto, aproxima los uns los outros os versos e os epithetos, de que usa Luiz Delfino, encerram sentidos contradictorios, symptoma grave que indica — ou que o escriptor el spoe de uma imaginação illogica e desregrada, ou que não conhece o valor a significação dos vocabulos que emprega. Se no primeiro verso a Hespanha *gotteja sangue*, como é possível que esteja *crangue*, no terceiro? Se não tem sangue, porque o *gotteja*? Se o *gotteja*, porque não o tem? Se a carne *palpiti* no segundo verso, porque está o corpo *inerte* no terceiro? Manifestamente, Luiz Delfino, vassallo esta estancia, como sempre lhe succede, não levava em vista um pensamento elevado, mas cedia á necessidade da rima, ao gosto das palavras sonoras e retumbantes, a que pela maior parte das vezes sacrificá até o senso commum.»

A palavra *entranhas* não importa uma idéa *buira*, como diz o critico. Garrett disse no *Frei Luiz*: «Filha de námas *entranhas*.»

Rebello da Silva escreveu: «...que rasga as *entranhas* de quem o ouve.»

Castillo fez estes versos, bons, principalmente, para provar o desacerto do reparo:

« Parto vivo e só, como quem sente
As entranhas arrancadas... »

Quanto a *gottejar sangue* um corpo *crangue*, engana-se o crítico suppondo haver n'isso asneira.

Crangue não quer dizer somente « que não tem mais sangue » — como quer o crítico: também significa *esvaziado em sangue*. Não ha nada egualmente de admirar em que palpite a carne de um corpo inerte. Isto tem sido dito mais de uma duzia de vezes—pelo menos—a respeito de corpos trucidados em guerra ou no cadafalso. A carne pôde palpar sem fazer com que se mexa o corpo.

Ainda mais:—de um cadaver movimentado pelo galvanismo se pôde sem erro dizer que é *inerte*; pois que inerte, ainda na lição de Caldas Aulette, é adjectivo que qualifica—o que não tem movimento ou actividade *propria*.

Continúa o crítico:

« Passemos á terceira estancia :
«Ella! Vêde-a! é ella! Embraca o manto,
«que pela espalda cae-lhe longamente;
«No olhar—prazer, enleio, orgulho, espanto;

«A régia corôa lhe illumina a frente;
«E por meio do poço, que é-lhe espolio,
«Rasga a estrada de Apio ao Capitolio.

Embracar significa—pôr no braço; assim é que se diz—embracar o escudo. Um manto, quando muito, sobraça-se; mas Luiz Delfino, forçado pelo numero das sylladas, escreve que a Hespanha *embraca* o manto. Isto no primeiro verso da estancia. No segundo, o manto que ha pouco estava no braço, passa, quando menos se espera, a cahir longamente pela espalda. Este rasgo de imaginação vertiginosa é um dos traços salientes da physionomia litteraria de Luiz Delfino.

A *regia corôa lhe illumina a frente* é um verso aleijado.

« O manto cae pela espalda, mas as pontas são *embracadas*, para não rojavem por terra. » E' a descripção que faz Wolf em um dos *Salões* do *Figaro*, tratando do panejamento de algumas estatuas gregas.

«A régia corôa lhe illumina a frente» não é um verso aleijado porque o crítico deve lê-lo pronunciando *crôa*, da mesma fórma por que deve ler este verso de Theophilo Dias:

«Da poeira com as nuvens confundido»
por esta fórma:

«Da poeira co'as nuvens confundido»
e pela mesma fórma todos os mais em que claramente se reconheça que tem lugar a ellisão ou suppressão, que o poeta não fez, deixando esse trabalho ao leitor.

O crítico, caçador infatigavel e apaixonadissimo de amphybologias, encontrou uma nos seguintes versos:

« Para saudar o imperio, que surgia,
De entre as brumas de asperrima tormenta,
Que inda montes e valles envolvia,
A primavera festival rebenta,
E despedaçando o manto das noblinas
Ergue a fronte enrolada de boninas. »

dizendo que, ao lê-las, não se sabe se é o imperio que surge d'entre as brumas da

Cantos Tropicaes; A Partida, pag. 28.

asperrima tormenta, ou se é a primavera que rebenta d'entre as mesmas brumas, para saudar o imperio. »

Esta amphybologia é da força das outras anteriormente *caçadas* pelo crítico; só existe na sua *cachola*. O homem de Deus, pois você não vê que o antecedente d'aquelle primeiro pronome relativo (*que*) é o imperio, e que, portanto, o que surgia das brumas era forçosamente o imperio e não a primavera? Como pôde então haver a tal amphybologia, senhor crítico?

Em relação a este verso:

« Chiou no campo o hymno da charrua »

diz o terrivel e mysterioso La Harpe do *Diario Liberal*:

« Hymno que chia, não conhecemos outro que não seja o d'esta estancia. »

No seu *Hymno ao trabalho*, Castilho celebra o rumor da serra, do martello e do malho. Ora, a charrua, andando, chia, e esse ruido é tambem uma estrophe do hymno do trabalho. Sempre critica—de frango!

Depois, arrepella-se de horror vendo que Luiz Delfino compara os canhões a « longos reptis de bronze ajoelhados »

Entretanto, não ha comparação mais apropriada do que essa dos canhões com reptis de bronze. *Colubrina* era na artilharia antiga a denominação de uma certa especie de peça; e *colubrina* significa em nossa lingua — semelhante ou pertencente á cobra (*couleuvre*). Quanto ao arripio de horror que lhe produzio ver os reptis ajoelhados, lembramos-lhe « o mar de bruços » de Castro Alves e a « alma ajoelhada », de Hugo.

Demais, se o crítico houvesse visto uma cobra com parte do corpo estendida no chão e a outra parte, a da cabeça, levantada, em linha quasi perpendicular aquella, teria comprehendido a imagem do reptil ajoelhado, porque a cobra em tal posição parece realmente estar—de joelhos.

« Ria-se austeramente a Calatrava. »

Rir austeramente é uma novidade. O sorrir pôde ser austero. O riso, pelo lado physiologico, decompõe os musculos da face, e tira-lhe a austeridade; psychologicamente, originando-se de uma provocação comica, não pode ser austero. »

Respondemos-lhe:— O riso pôde ser austero e até dolorido. Garret disse:

«... riso, que, melhor que o pranto,
Exprimiria a dor. »

Depois, acha o crítico que o pó dos pés (« Beijando o pó dos pés aos seus senhores ») é, além de immundo, cacophonico. Immundo porque? Tão immundo é o pó dos pés (em vez de pó dos sapatos ou das bôtas) como o pó das praças,

« Gonfaloneira das raças,
Sonhei-a no pó das praças. »

disse Fontoura Xavier; ou qualquer outro pó. Quanto ao cacophonon, é elle

dos inevitaveis, como o « alma minha » de Camões, o « acerca della », frequentemente empregado pelo Sr. Ramalho Ortigão e outros como: a honra da nação, alegria do lar (*adular*), etc...

Mais adiante, é este verso que pôe em furor o crítico:

« Núa, rôta, descalça e em desalinho »
Diz elle:

« N'esse verso, vê-se a Hespanha descalça, pela primeira vez no poema; vemol-a, tambem núa, e ao mesmo tempo, inexplicavelmente, rôta, em desalinho. Núa quer dizer somente—sem roupas; em desalinho, quer dizer—com os vestidos mal arraujados. »

Engana-se, flôr. Núa não quer dizer somente—sem roupas, mas tambem—descoberta. No verso arguido o que se diz é que ella estava núa, justamente porque estava em desalinho. Uma cousa não exclue a outra.

« Descabellada em lubrica loucura,
« O que buscavas tu na liberdade? »

Se o adjectivo *lubrica* é destinado a comparar a Hespanha a uma rameira despejada, a imagem é indigna da nobreza da emoção, que o artista quer despertar; se o termo é empregado no sentido proprio, a alliança com o substantivo—*loucura* é incomprehensivel.

Novo engano, meu frango.

Lubrico tambem significa *escorregadio*. *Loucura lubrica* é a de quem não se sustenta e cambalcia.

« Um povo repassado da ferrugem
« Das cadêas, etc. »

A ferrugem não repassa, não satura o ferro; come-lhe a superficie.
A imagem é, portanto, viciosa. »

Mas, senhor crítico, o poeta não disse que as cadêas estavam repassadas de ferrugem, mas sim que o povo estava repassado da ferrugem das cadêas. Pois não entende mais o que lê?

Além de que, *repassar* tambem significa—*embeber*; *embebido* de ferrugem não significa *saturado*.

« Ergue o lençol dos annos seculares »

Annos seculares é uma expressão surpreendente, que autorisa-nos a esperar que o assombroso vate venha ainda a escrever—*seculos annuaes*, com ruído aplauso dos seus admiradores. »

Dizemos-lhe, em resposta, que *secular* tambem significa—o que tem durado um seculo ou seculos. *Annos seculares* é uma expressão tão bella como as *semanas de annos* de que falla a Biblia.

Agora vejo que vai longa esta refutação. Por isso faço hoje ponto n'esto ponto.

VALENTIM MAGALHÃES

O mais triste opprimido é o oppressor.

VICTOR HUGO

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Recebemos e temos apurado até esta data 299 respostas.

Votaram durante a semana que hoje finda:

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte—Rangel de S. Paio, Gregorio de Almeida, M. P. Farias de Mendonça, José Nunes Ribeiro Berford, B. Magno de Carvalho e Alfredo Pujol.

De S. Paulo—Gaspar da Silva (capital) Heitor Peixoto (Santos).

Do Ceará—(Baturité) Cypriano de Miranda.

Da Bahia—(Cachoeira) Antonio Lopes de Carvalho Sobrinho.

De Montevidéu—Cassio A. Farinha redactor do jornal brasileiro «A Patria.»

EM LUIZ DELFINO

Da Corte—Alberto Barros Franco, José Dias, Alberto de Armada, J. F. Santos Rodrigues;

De Minas—(Pouso Alegre) Antonio Francisco da Costa, (Passos) Antonio Celestino;

Da Provincia do Rio de Janeiro (Saquarema) Antonio Henrique de Magalhães,

Do Rio Grande do Sul (S. Jeronymo) A. Daisson.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da Corte—J. C. Vieira de Souza, Antonio de Souza Costa, Sandim Junior, Alfredo E. Pereira e Arthur Rocha.

EM CASTRO ALVES

De S. Paulo—(Santos) Manoel Soares Pinto Junior.

Da Bahia—(Cachoeira) José Lopes de Carvalho. (*)

EM BERNARDO GUIMARÃES

De Minas—(Ouro Preto) Afonso da Costa Guimarães.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De S. Paulo (Capital) Elias Penha.

Deixámos de apurar 50 votos que foram dados a Theophilo Dias em uma carta escripta da Parahyba do Sul, por nos parecerem apocryphos quasi todos os nomes dos votantes, vindo todos em uma só carta, escriptos com a mesma letra.

No nosso passado numero houve um grave erro de revisão que nos apressamos em rectificar. Em vez do nome de Luiz A. A. de Carvalho Junior, foi publicado o de Luiz A. A. da Gama Velho Junior, assignando um voto ao Dr. Luiz Delfino.

RESULTADO

Gonçalves Dias	106
Castro Alves	53
Luiz Delfino	42
Casimiro de Abreu	36
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	7
Alvares de Azevedo	6
Porto Alegre	5
Luiz Guimarães Junior	4
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
Bernardo Guimarães	3
José Bonifacio	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1

(*) Foi dado este voto pelo *Guarany* de 19 de Maio, em artigo firmado pelo Sr. Carvalho.

Odorico Mendes	1
Laurindo Rebello	1
Santa Rita Durão	1
Damasceno Vieira	1
Emilio Zaluar	1

Publicamos em seguida a carta em que o Sr. Rangel de S. Paio expoz o seu voto.

Sómente a grande consideração que tributo a V. obriga-me a tomar parte na questão litteraria, por V. proposta sobre o maior poeta do Brazil.

E' que eu me conhecendo demasiadamente incompetente para entrar na alta magistratura que deve compor o tribunal de quem V. aguarda o julgamento—abstive-me.

Hoje, todavia, não posso deixar de emittir meu juizo; fazendo-o, porém, receioso e sómente porque não desejo que se me julgue pouco delicado, não attendendo ao honroso convite que V. se dignou de mandar-me.

Reconhecendo e apreciando sobremaneira muitos poetas nacionaes, até já tendo tido occasião de manifestar-me sobre alguns de manifestar-me sobre alguns em mais de um escripto publicado aqui e algures—parece-me que, que sem offensa a quem quer que seja, e continuando a admirar todos os bellos talentos que possuímos em nossa litteratura, menos mesquinha do que muitos querem fazer crer, posso responder ao quesito proposto por V. d'esta sorte:

Para mim, e isto digo a V. muito á puridade, o poeta que reúne mais do que qualquer outro os attributos que V. indica para classificação é:

—O imprevisto cantor das *poesias americanas*, que encheu de assombro a Portugal, personificado em sua mais elevada individualidade litteraria;

—O numeroso e fluente poeta dos *Tymbiras*.

—O originalissimo trovador das *Ser-tilhas de Frei Antão*.

—O lyrico nostalgico e inspirado da *Cancão do exilio*, do *Sei amar*, do *Ainda uma vez adeus*, e tantas, tantas e tantas outras preciosidades;

—O grandiloquo hymnographo á *Idéia de Deus*, á *Tempestade*, ao *Mar*, á *Noite*...

—Em uma palavra—Antonio Gonçalves Dias.

Eis a opinião de quem é

De V. admirador e amigo obrigatissimo—*J. Z. Rangel de S. Paio*.

26 de Maio.

« AURORAS »

Já está á venda e foi distribuido pela imprensa este livro de versos do nosso collega Alfredo de Souza. A recepção que lhe tem sido feita é das mais lisongeiras. Entre outras a apreciação do *Diario Mercantil* de S. Paulo, faz ás *Auroras* um acolhimento honroso. Transcreva-a-hemos no proximo numero, com a devida venia.

DIARIO DE NOTICIAS

Com este titulo deve apparecer amanhã nesta cidade o primeiro numero de um novo diario.

Não terá caracter politico, mas essencialmente noticioso, talvez mesmo—discreto. A imitação do *Le matin*, de Paris, offerecerá nas suas columnas logar para discussões das tres parcialidades politicas dominantes: conservadora, liberal e republicana. A parte litteraria ficará a cargo do nosso estimado collaborador Arthur Azevedo. A firma com que vai figurar na praça o novo collega é de Carneiro, Semir & C.

Aquella Semana é o popular e estimavel reporter Ernesto Sciana, um rapaz intelligente, laborioso e honesto. Ao *Diario de Noticias* vida de flores e longa!

Ignorar é odiar; ignorar é destruir.

VICTOR HUGO

VALENTIM MAGALHÃES

ESTUDO

POR

SILVIO ROMERO

Acerea d'este livro, escreveu o *Diario Mercantil* de S. Paulo:

«Recebemos, por intermedio dos Srs. Teixeira & Irmão, este folheto do Sr. Dr. Sylvio Romero.

O critico sergipano eré ingenuamente ter elaborado um estudo sobre a personalidade litteraria do poeta dos *Cantos e Lutas* e não fez mais do que destrinçar, n'uma ensossa e achavascala linguagem, umas tantas chulices litterarias, que, á força de serem falhas de senso critico, deram-lhe uma formidanda derrota na celebre questão dos *Ultimos Harpejos*, em que Valentim Magalhães pulverisou, de uma vez para sempre, o infeliz autor dos *Cantos do Fim do Seculo*, e quejandas versalhadas reinadias.

N'este seu estudo, o Sr. Sylvio rasteja, achata-se, morde-se na impotencia de defrontar com o seu antagonista.

Para contradictar tu lo o que o critico brasileiro esvurmou contra Valentim Magalhães, temos este trecho com que o illustre escriptor portuguez, o Sr. Teixeira Bastos, cuja competencia é indiscutivel, abriu a sua critica sobre o masculino poeta dos *Cantos e Lutas*, *Colombo e Nêê*, etc.

Eilo:

«Entre os modernos escriptores brazileiros, um dos que gosam de melhor reputação—e reputação justamente alcançada—é Valentim Magalhães, o seu sato critico das *Notas á margem*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

Prosador elegante, é ao mesmo tempo poeta, figurando na primeira fila dos laureados.»

Já vêem, portanto, os leitores do estudo do bardo sergipano que a critica d'esse senhor é apaixonada, tacañia, baixa, e, ás vezes, chega a ser imbecil.

Em conclusão:

O Sr. Sylvio Romero, n'este folheto, dá, em questões de esthetica, tantas encaçadas que o proprio Martins Guimarães coraria, se o lesse.

Agradecemos o exemplar que nos proporcionou algumas *barrigadas de riso*, como diria o padre Casimiro o enviámos cordeaes parabens... a Valentim Magalhães.

THEATROS

Na segunda-feira houve no theatro Lucinda o que se pôde chamar um espectáculo *chic*, exceptuando, está visto, a comedia final. Representou-se *A Gravata branca*, comedia em 1 acto, em verso, traducção de Pinheiro Chagas e *A Mantilha de renda*, comedia em dois actos, tambem em verso, original de Fernando Caldeira, o mimoso poeta das *Mocidades*.

A Gravata branca é uma comedia ligeira e graciosa, sem episodios e sem acção, apenas sustentada pelo dialogo interessante e vivo e pela correcção dos versos.

A Mantilha de renda é tambem muito graciosa, mas infelizmente tem acção; e dizemos infelizmente porque o auctor gastou os seus bellos versos em um

entrecho absurdo e insustentavel. A acção é inverosimil e monstruosa, o que para os pichosos e niquentos constitue grave defeito, porem que para nos não tem importancia n'uma comedia sem pretensões a modello, e principalmente se essa comedia é em verso. Neste caso o que queremos é que os versos sejam correctos e facéis, em boa linguagem corrente e elegante, com bellas imagens e bom subor elevado e poetico. Ora de tudo isto tem a lartar a *Mantilha de Renda*. Deixemos pois a abstrusidade da acção, e delicias-nos com aquella melodia constante do dialogo.

O desempenho das duas comedias foi muito satisfactorio, sobresahindo na primeira a gracil ingenuidade da Sra. Sára, que é quasi uma menina, e na segunda o Sr. Baptista Machaço, embora por vezes carregasse um pouco o seu typo. A Sra. Lucinda fez com a costumada perfeição o seu pequeno papel de Helena, senão bem secundada pela Sra. Sára. Na lha a dizer do Sr. Furtado no papel de Raphael quanto á correção do desempenho; o seu phisico, porém, é que já não se compalece com papeis de rapaz, principalmente do genero do de Raphael. Então senão a Sra. Sára a sua Eliina, lembra-nos logo a Lamastor e Tethys e parece que a vamos ouvir responder á declaração de amor de Raphael o que a nymphia respondeu a Doris na estancia 5ª do canto 5º dos *Luziadas*.

Muito bem a Sra. Margarita Lopes na velha governanta, aparte os defeitos de pronuncia, que por vezes dão cabo dos versos.

Oxalá que as duas bouitas comedias encontrem do publico o acolhimento que merecem.

Deve subir hoje á scena do Pedro II, pela companhia da actriz Apollonia o grande Drama em 5 actos e 7 quadros, com musica do maestro Marenco—*O rei dos selvagens*.

Segunda ou terça-feira, se o permittir S. M. o Imperador, deve realisar-se no Recreio o beneficio do distincto actor Dias Braga, com a primeira da grande e sumptuosa lenda tragica, em verso, de Echegaray—*No seio da morte*.

A empresa annuncia tambem para breve *Os dois sargentos*, conhecido drama de repertorio de Rossi.

A empresa Manzoni tambem annuncia para estes dias a opera *Princesa das Canárias*.

A empresa do Sant'Anna dá terça-feira no Pedro II a primeira da *reprise* do *Guarany*, fazendo o Sr. Galvão o seu antigo papel de Pery.

Não imprimamos o ferro em brasa sobre nenhuma fealdade.

A justiça mui justa é da Vingança irman.

Aborrece-me o nada dos gigantes. Deslumbra-me a grandesa dos pequenos.

victor HUGO

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azevedo

II

(Continuação)

Quando iam a entrar na rua do Ouvidor, Etophilo soltou uma exclamação de prazer.

— Olha o Lauro! gritou elle, correndo sobre um rapaz loiro, que se voltou logo e disse, por sua vez:

— Oh! Por aqui, tu! Onde te metteste?

— Na provincia, filho. Cheguei hoje. Acabo de desembarcar com este amigo, que te apresento — Ruy Vaz!

Ruy fez um movimento com a cabeça, e estendeu a mão ao narigudo.

— É a primeira vez que vem ao Rio? perguntou-lhe este.

E, depois da resposta de Ruy:

— Que tal?

— Acho mais bonito por fora do que por dentro.

— Vem estudar?

— Talvez.

— Que carreira?

— Ainda não sei.

— Então, vamos tomar café. Não os convילו para almoçar, porque o dinheiro não dá para isso.

— Eu tenho... acrescentou Etophilo. Vamos.

D'ahi a pouco, os tres em volta de uma mesa de restaurante, tomavam, não café, mas sim cocktails de Xerez.

— Este amigo, disse Etophilo a Lauro, precisa ser apresentado aos rapazes de talento. Entrego-t'o desde já, e não me encarrego eu proprio d'isso, porque não tenho tempo nem occasião para isso. Vou almoçar com o Dr. Mendes, passo lá o dia, passo a noite e parto amanhã mesmo, de manhã.

— Ah! Tu segues amanhã para S. Paulo?

— Impreterivelmente.

— Dá lembranças ao Costa, ao Alberto e ao Trindade. Olha, quando estiveres com o Rapozo, dize-lhe que não recebi os versos que elle me pediu para ver se podiam ser publicados no *Serafim*.

E, voltando-se para o Vaz:

— O senhor tambem faz versos, naturalmente...

— Verso, prosa, faço tudo!

— Tambem pinta; sabes? acrescentou Etophilo, querendo já se por em retirada.

— Ah! tambem?... disse Lauro—que genero de pintura?

— Entendo um pouco de todos os generos.

— Porque então não se mette na Academia de Bellas Artes?

— Não sei. Talvez me metta, conforme! A minha intenção é explorar a caricatura.

— Ah! Tambem faz caricaturas?...

— Creio que é a minha especialidade.

— Já desenhou algum jornal?

— Nenhum.

N'este ponto da conversa, um novo rapaz veio engrossar o grupo. Era o Barradas.

Moço de desesete annos, magrinho, alto, bem vestido, cabello bem penteado e luvas.

Ruy foi-lhe apresentado, não já como um simples bohemio, mas na qualidade de artista.

— É o nosso Gavarni! affirmou Lauro, para ser amavel.

Com a chegada do Barradas, a conversa tornou-se mais quente. Discutiram-se simultaneamente os artigos do dia, os theatros, a politica e os escandalos da vespera.

— O que eu não posso supportar.— dizia o Barradas com a sua voz fraca e muito descangka la, — é a impureza de linguagem com que todos esses jornalistas escrevem. É uma vergonha! Os gallicismos encontram-se a tres por dois, as incorrecções de forma são tantas que chegam a fazer dor de cabeça! Nem grammatica têm, os barbaes! Eu, se fosse autoridade, não consentiria a ninguém ser jornalista, sem saber ler e escrever correctamente a lingua em que fosse escripta a folha. Cá por mim, já se sabe, para passar bem o dia, preciso não ler os jornaes diários; se correr os olhos por qualquer um d'elles, é aquella certeza: enchaqueca para o resto da semana!

Etophilo, que parecia apressado, ergueu-se, pagou o gasto da mesa, deu os promettidos vinte mil réis ao seu companheiro de viagem, e, depois de recomendar-o ainda uma vez aos outros, sahio muito apressado.

— Pois, meus amigos, — proseguiu Ruy, já perfeitamente familiarisado com os dois rapazes — eu ainda não conheço nada d'isto, e confesso que estou impaciente por atirar-me de cabeça nesse mundo! A corte! Ainda me parece um sonho!

— Você vai ter uma terrivel desillusão! observou Lauro, franzindo septicamente o labio superior. — Isto aqui é uma grande aleia!

— Mas em todo caso é a corte, é o grande centro do espirito brasileiro! Tu lo o que aqui se faz escorre naturalmente para as provincias; ao passo que d'estas na lha poderá chegar até aqui. Não acham?

— Você vem então com o firme proposito de apparecer, hein? perguntou Barradas a Ruy.

— Pu lera! Pelo menos hei de fazer o possivel para isso!

Foi tal a convicção que o provinciano poz n'essas palavras, que o Barradas começou a rir.

— Ri? Porque?

— Acho graça!

— Graça? Pois hei de lhe mostrar o faço ou não faço carreira!

— Pode ser, mas com que?

— Com aquillo que me parecer melhor.

— Convicções!...

O narigudo lembrou que em vez de estarem ali a dizer asneiras, melhor seria que se cuidasse de almoçar.

Ruy applaudiu a idéa e pediu licença para fazer parte da troça.

Veio porém a questão de dinheiro. Barradas declarou que tinha cinco mil réis, mas que precisava ficar com mil e quinhentos para comprar uma calçada.

— Isso é luxo—observou Lauro com uma careta.—Para que diabo queres tu uma calçada?

— A minha quebrou-se e eu não posso dispensar outra.

O Lauro ia provar com o auxilio de Spencer o inconveniente do uso da cal-

cadeira, quando Ruy deu a entender que tinha dinheiro para pagar o proprio almoço.

— Então está tudo arranjado! concluiu Lauro. Você paga o seu e o Barradas paga o meu.

— E onde vamos almoçar? perguntou o provinciano?

— Aqui mesmo. Lá nos fundos. Entremos.

Só ás tres horas da tarde conseguiram despregar-se da mesa, depois de um almoço de vinte mil réis, para os quaes entrara Ruy com quinze, e depois de uma discussão tão forte a respeito de litteratura, que o dono da casa por varias vezes os chamou á ordem.

Foi Lauro o que ficou mais esquentado; ao sahir, embirrou logo com um sujeito que tomava café na sala da frente e deu-lhe uma palmeada na careca.

Barra las pe lio de sculpa ao offendido, assegurando que o seu companheiro soffria da cabeça, e, como o sujeito não se contentasse com isso e dêsse replica atravessada, os trez bohemios enterraram-lhe o chapéo até abaixo das orelhas e sahiram, sempre muito enpenhados, em nma forte discussão litteraria.

— Quer você ir lá para casa hoje? perguntou Lauro, passando o braço nos hombros de Ruy. Não digo que terá uma noite deliciosa; mas emfim sempre ha de dormir.

O provinciano accitou de coração aberto o offercimento, e ficou combinado que iriam todos essa noite a um beneficio no S. Pedro de Alcantara, visto que o Barradas tinha cinco cadeiras que o beneficiado lhe dera para passar.

— Qual é o espectáculo?

— Não sei. Um dramalhão qualquer.

— Mas, antes do teu beneficio, que diabo havemos de fazer? perguntou Lauro.

— Faremos algumas carambolas no «Dezoito bilhares.»

— Protesto! disse Ruy—não sei jogar bilhar.

— Pois então iremos tomar um cafee de vermouthe em casa do Bloco.

— Está dito! applaudio Barradas, e acrescentou ao ouvido de Ruy:

— Vaes conhecer um typo esplendido, singularissimo! Para ficares sabendo quem elle é, basta dizer-te que o Bloco se tem um meo para chamar os seus innumerados creados.

— Qual é?

— Toca um foguete de cada vez que precisa de um delles.

— Deve ser divertido! considerou Ruy.—E não toca outros instrumentos?

— De sopro, não; mas é perito no piano.

— Estão, a caminho! exclamou Ruy.

Continúa.

Em um asno é sempre possível um tigre.

VICTOR HUGO

Choremos sobre o rei:—o grande desherdado!

VICTOR HUGO

VICTOR HUGO

Dizem que morreu... Morre somente o que vive atufado no egoismo, E o que jamais sentio brilhar na mente Uma restea da luz do idealismo.

Mas quem dentro da patria e no ostracismo, Pela patria lutou valentemente, E sem obliterar o patriotismo, Amou a humanidade heroeicamente;

Quem combateu constante a tyrannia, O privilegio, o crime, a infamia, a usura, A guerra, o embuste, o roubo e a simonia;

Quem para a infancia foi doce ternura, E do bem, e do amor fez a esthesia... Quem foi Hugo, não morre, oh! não, perdura!

HANDEL DE S. PAIO

TRATOS Á BOLA

Recebemos desta vez 10 cartas com decifrações relativas aos *Tratos* do n. 20. Apenas declinaremos o nome dos felizardos que fizeram jus ao premio.

Os *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior, que eram o primeiro premio, pertencem ao Sr. Benevente Seabra, e a collecção do 1º trimestre d'A *Semana* (segundo premio) ao Sr. Anibal da Cunha Junior.

Venham pois buscar estas preciosidades...

Eis as decifrações: da antiga—*Mateado*; das telegraphicas—*Boga e Patoco*; da verbal—*Aversão* e das decapitadas—*Facada e Cabala*.

Para hoje damos as seguintes *tratices*.

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Batata refresca.
1-1-1—Perola é arma.

VERBAES

Qual o verbo que com uma nota produz uma molestia passageira?

Qual o verbo que junto a um substantivo que se encontra no mar forma um substantivo que se encontra no nosso corpo?

ANTIGA

De certo, não se sustenta—1
Esta letra do alfabeto;—1
Nem tão pouco este pronome.—1
Que é bicho feroz, inquieto.

LOGOGRIFFO

(Por syllabas)

Dá muita claridade—1
De sua magestade—2, 3
E' na moita
Que se acolta.—1
Do estomigo é parte.—1, 2
E' bicho feio.—1, 3
Dobra le com arte
Certo menceio;—1
Dobra le tambem,
Numero é—3
Eillo: na mesa o tem.
Logogriphista com fé,
E... é trabalhar
Que o logogripho
Has de matar.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um volume, niti laminete impresso, das *Auroras* de Alfredo de Souza; ao segundo um exemplar do tango d'A *Semana* 100 rs

D. PASTEL.

RECEBEMOS

—*Buennias*—versos de Arthur Duarte. Mais de espaço faremos d'elles.

—Numero 103 da *Bibliotheca do Por das Escolas*; trata de *Cosias portuguezas*, conferencia realisado em Lisboa por José Julio Rodrigues. Editor: David Corazzi.

—*O cadastro da policia*, romance de Roca y Roca; editado em fasciculos, acompanhados de linlos chromos, por David Corazzi.

Com os que acabamos de receber, veio uma bella capa lytographica a varias cores.

—*O anonymo na imprensa*; acompanhado de uma breve apreciação acerca do character do estrangeiro no Brazil, por C. Regazzi. Os tres primeiros capitulos deste interessante opusculo foram publicados primitivamente nesta folha. Delle nos occuparemos em breve.

—*Revista Illustrada*; n. 111. Magnificas pillerias—nos desenhos e no texto.

—Um cartão de convite para a 2ª *matinée* musical que a 28 do corrente realisará o *Club Beethoven* nos salões do Novo Cassino Fluminense. Deve ser uma bella festa artistica; não faltaremos.

—Um amavel convite do Sr. Antonio Patreiras para irmos examinar alguns dos seus trabalhos de pintura, em exposição no salão De Wilde. Obrigados. Lá iremos e com muito prazer.

—Um bilhete de cadeira para a *matinée* litteraria, concertante-dramatica, que se realisará amanhã no Theatre Santa Thereza, de Nictheroy, em homenagem ao poeta Fagundes Varella. E' orador official o Dr. Afonso Celso Junior.

—*Almanak administrativo, mercantil, industrial e agricola da provincia do Espirito Santo, para o anno de 1885*, por Godofredo da Silveira.

—*Bibliotheca Domestica*, anno 1º, n. 8. Pranteia na primeira pagina o passamento de Victor Hugo.

—Discurso de um parahybano acerca da prisão dos bispos de Olinda e Pará, por ...
 —O Philatelista n. 8.
 —União Médica, anno V, fascículo n. 6.
 —Revista Marítima Brasileira, anno VI, n. 10.
 —Revista de Engenharia, anno 7º, n. 111.
 —Da Antipyrina, ou Dimethyloxyquinina—Um nomezinho complicado!—e de suas applicações, particularmente na tuberculose pulmonar: pelo Dr. Vieira de Mello.
 —O Panorama Contemporaneo, 1º anno, n. 2; publicação quinzenal; director Triunfante Coelho; Coimbra.
 Trata este numero da Estação da Pampilhosa, acompanhando o texto uma excellente estampa phototypica.
 —A Offerenda de Ouro, publicação da New York Life Insurance Co. E' um interessante repertoriozinho illustrado, de artes e litteratura.
 —De la esqueluche et de son traitement par la resorine; par le docteur Moncorvo.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
 —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sa — Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 às 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

TYPOGRAPHIA

A Typographia d' 'A Semana', ultimamente montada, dispõe de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaisquer encomendas de obras, poesias, tornaes, annuncios, etc., etc.

Preços baratissimos.

Trata-se no escriptorio da empresa.

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

- I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 3\$000.

Do mesmo auctor, no prelo:
 Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma accitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traducções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas ligões proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornam estes volumes, cuja leitura é inútil recommendar, pois o publico sabe quão proveitosas e interessantes ligões se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

EVANGELINA

POEMA DE

H. LONGFELLOW

TRADUCCÃO DE

AMERICÓ LOBO

Vende-se nas livrarias Euro & Xanes, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

28000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVICÓ PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, as quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... 800 | Jantar..... 1800
 SERVICÓ ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29